

# D I C T I O N N A I R E U N I V E R S E L D E C O M M E R C E

Revista do Arquivo Público Mineiro

Dossiê

Revista do Arquivo Público Mineiro

55

Laura de Mello  
e Souza

## O ouro das estantes

O contratador Manuel Teixeira de Queiroga, homem de considerável cabedal e titular de diversificados negócios na região das Minas, distinguiu-se também como possuidor de valiosa biblioteca que o ombreava aos contemporâneos de maior *status* intelectual na capitania, ao final do século XVIII.

LE COMMERCE QUI SE FAIT DANS LES QUATRE PARTIES DU MONDE,  
par terre, par mer, de proche en proche, & par des voyages de long cours, tant en gros qu'en détail.

L'EXPLICATION DE TOUS LES TERMES QUI ONT RAPPORT AU NEGOCE,  
LES MONNOYES DE COMPTE, QUI SERVENT A Y TENIR  
LES LIVRES ET ECRITURES DES MARCHANDS:

LES MONNOYES REELLES D'OR, D'ARGENT, DE BILLON, DE CUIVRE, D'ETAIN, &c.  
leur titre, leur valeur, leur fabrique & monnayage; & leur évaluation sur le pied de celles de France:  
LES POIDS ET MESURES, QUI Y SONT EN USAGE, REDUITES LES UNES AUX AUTRES.

LES PRODUCTIONS, QUI CROISSENT ET QUI SE TROUVENT DANS TOUS LES LIEUX  
où les Nations de l'Europe exercent leur Commerce; comme les Métaux, Minéraux, Pierreries; Plantes

> Não conheço nenhum estudo acerca de Queiroga, e fui dar nele por acaso, em meio a uma pesquisa sobre Cláudio Manuel da Costa. Tentava, na época, mapear as relações entre o advogado-poeta e o grupo dos contratadores de Vila Rica, alguns dos quais – como Joaquim Silvério dos Reis, Domingos de Abreu Vieira e o próprio Queiroga – estavam entre os principais clientes que o futuro inconfidente tinha. Por isso, pedi, no Arquivo Público Mineiro, um documento que constava no catálogo como sequestro dos bens de Manuel Teixeira de Queiroga, mais um contratador insolvente junto à Coroa portuguesa, seu nome invocando, vagamente, alguma passagem das *Cartas Chilenas*, ou talvez uma ou outra nota erudita elaborada por Tarquínio J. B. de Oliveira ou Herculano Gomes Matias para a segunda edição dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. Chegou-me às mãos um códice bonito, grande no formato, porém delgado na espessura, com mais da metade dos fôlios em branco.<sup>1</sup> Assim que abri e comecei a acompanhar a caligrafia regular e nítida, dei com um rol de livros. Entre os bens sequestrados, que eram consideráveis e denotavam *status* e riqueza, cintilava a lista dos livros, biblioteca pequena – 43 títulos distribuídos em 169 tomos – mas escolhidíssima, e totalmente inesperada em meio aos documentos de caráter contábil.

Voei para o telefone, ali mesmo dentro do Arquivo, e consultei um amigo especialista nas “livrarias” de Minas no século XVIII. Nunca ouvira falar nem do homem, nem dos livros. Aqui estou eu, portanto, para falar de um e dos outros.

### Contratos & contratadores

Manuel Teixeira de Queiroga era um homem bastante rico e tinha um estilo de vida opulento para a época e o lugar. Sequestraram-lhe os bens em 1794 porque devia à Coroa: as contas correntes dos dízimos e entradas da Capitania de Minas Gerais mostram que, tendo

arrematado com outros seis sócios os dízimos no triênio de 1787-1789 por 194 contos de réis, devia, no final de 1788, 129:333\$333 (cento e vinte e nove contos, trezentos e trinta e três mil, trezentos e trinta e três réis).<sup>2</sup> Bem menos do que deveram os grandes contratadores da capitania na segunda metade do século, como João de Sousa Lisboa e João Rodrigues de Macedo, cujas dívidas ultrapassaram os 500 contos de réis, e um pouco menos ainda do que deveu Domingos de Abreu Vieira, preso em 1789 por crime de inconfidência, e não pelos 194 contos que não pagou. Queiroga, que privou do convívio e, tudo indica, da intimidade de alguns inconfidentes, não caiu nas malhas da Devassa, mas sucumbiu à inclemência do fisco poucos anos depois. Deve ter ingressado no mundo dos contratos assim que chegou à América e há referências, à espera de melhor investigação, sobre ter atuado antes como arrematante de dízimos no Serro.

No mundo do Antigo Regime, o sistema de contratos, que incidia sobre cargos e serviços, permitia às monarquias arrecadar as receitas sem despender muito, transferindo a particulares a tarefa de receber os impostos e garantindo para os cofres régios um lucro antecipado. O ganho do contratador se assentava na diferença entre a quantia arrecadada pelos direitos e o pagamento efetuado. Era sob essa forma que se arrendavam tributos variados, como os dízimos, a extração do pau-brasil, a entrada nas Minas, a exploração dos diamantes. Alguns dos homens mais ricos do Império português, como os dois João Fernandes de Oliveira, o pai e o filho, foram contratadores – no caso específico, dos diamantes do Distrito Diamantino de Minas Gerais.

Manuel Teixeira de Queiroga, contudo, diversificou seus investimentos: antes de arrematar os dízimos, para o que contou com a simpatia e o favorecimento de Luís da Cunha Meneses, governador de Minas entre 1784 e 1788, lidava com terras, criava animais de sela e participava da vida econômica da capitania. Em 1785,

passou recibo a João Rodrigues de Macedo referente à compra de uma fazenda no Arraial do Tejuco. Em 1788, vendeu uma fazenda a Joaquim Pedro Caldas por 154 oitavas de ouro – ou 180\$000 (cento e oitenta mil réis). Com cavalos, parece que comerciava desde o final da década de 1760, quando ainda era um rapazinho.<sup>3</sup>

Como boa parte dos homens de negócio da época, negociava ainda com dívidas, comprando-as e passando-as adiante. Conforme documento de 16 de agosto de 1789, sabe-se que passara a cobrança de um crédito que lhe era devido ao ajudante João de Santa Ana Pinto. Meses depois, contudo, a 24 de janeiro de 1790, Santa Ana Pinto dizia que a cobrança pertencia a Queiroga, a quem possivelmente não havia conseguido pagar.<sup>4</sup> Indícios esparsos a sugerir que, pelo menos nas contas, Manuel Teixeira de Queiroga se aproximou bastante dos homens de negócio que atuavam nas Minas na segunda metade do século XVIII, tentando extrair vantagens do Estado e se defender como podia da escassez de numerário que caracterizava a vida econômica da região.

### Cavalos e mulas

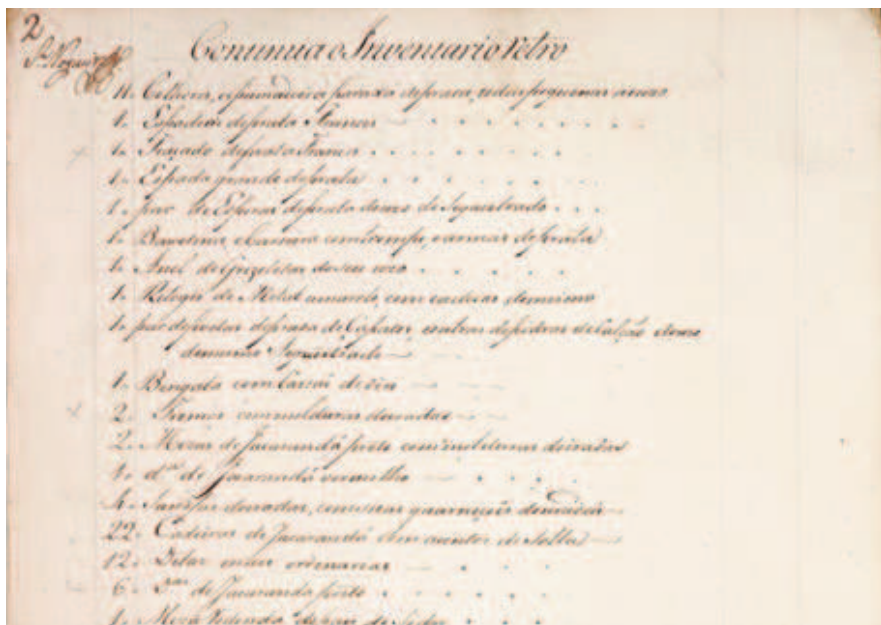
Os animais de sela eram importantíssimos no mundo de então. Puxavam carroças, carruagens, serviam às tropas militares, eram meio de transporte imprescindível, mesmo em região montanhosa como as Minas, onde as mulas, mais aptas a andar por caminhos tortuosos engastados em paredões e despenhadeiros, eram com frequência as montarias preferenciais. Se as mulas tinham o passo macio e uma resistência proverbial, cavalos, contudo, eram cavalos. Cargas de cavalaria se faziam com cavalos, grandes generais eram quase sempre notáveis cavaleiros. Na carta escrita a Mr. Jay,<sup>5</sup> em 4 de maio de 1787, Thomas Jefferson, previamente contatado pelo estudante brasileiro José Joaquim da Maia, referiu-se às capitânias propensas ao levante – entre elas a de Minas – como

dotadas de “abundância de cavalos”, mas necessitando de ajuda no que dizia respeito a canhões, munições, navios, marinheiros, soldados.<sup>6</sup>

Além do que, mulas e burros eram há muito trazidos do Sul, movimentando um negócio próspero e especializado, a conectar Viamão, no longínquo continente de São Pedro – como se designava, então, o atual Rio Grande do Sul –, às feiras de Sorocaba e às Minas. João Rodrigues de Macedo, o principal contratador de Vila Rica nos anos anteriores à Inconfidência, trazia bestas de fora da capitania: tem-se notícia de uma remessa de 3.400 delas, que deveriam pagar, no registro das entradas, 160\$000 (cento e sessenta réis) por cabeça.<sup>7</sup>

Com um olho na concorrência de um negociante graúdo como Macedo e o outro nas potencialidades oferecidas por um mercado ainda pouco explorado, Queiroga se envolveu com a criação de cavalos antes mesmo, parece, de contratar impostos em Minas. Se não era, então, bom cavaleiro, por certo se tornou um, e em 1789, quando vários de seus amigos foram presos por crime de inconfidência, ele tinha a patente de tenente-coronel do Primeiro Regimento de Cavalaria Auxiliar de Vila Rica, posto que conferia *status*, honra, distinção, relegando ao esquecimento uma eventual origem obscura – os dados familiares de Queiroga estando ainda por pesquisar.

Vida afora, as esparsas referências documentais atestam que o contratador dos dízimos cortejou o poder e a estima social. Esteve sempre próximo dos “homens bons” da Câmara e, se não tomou assento nela, foi – para invocar o adágio de Boxer<sup>8</sup> – irmão da Santa Casa de Misericórdia, compondo, portanto, a oligarquia local. Apadrinhado por Cunha Meneses em 1787, continuou a sê-lo pelo governador seguinte, visconde de Barbacena, e, se teve o revés de lhe sequestrarem os bens em 1794, só os viu confiscados quando Barbacena voltou a Portugal, em agosto de 1797.<sup>9</sup>



Detalhes do Inventario dos bens q existem do Sequestro feito ao T.e Cor.el Manoel Teixeira Queiroga e consta da remoção do Depozito, que hoje se fez da mão do Depozitario [de] Bens Pereira Marques, para poder do Coronel José Vellozo Carmo. Contrato (1787-1789) de Manuel Teixeira de Queiroga. Acervo Arquivo Público Mineiro. Coleção Casa dos Contos - CC-1497 - 1794-1797. Conteúdo DIZIMOS (MG). Belo Horizonte/MG.

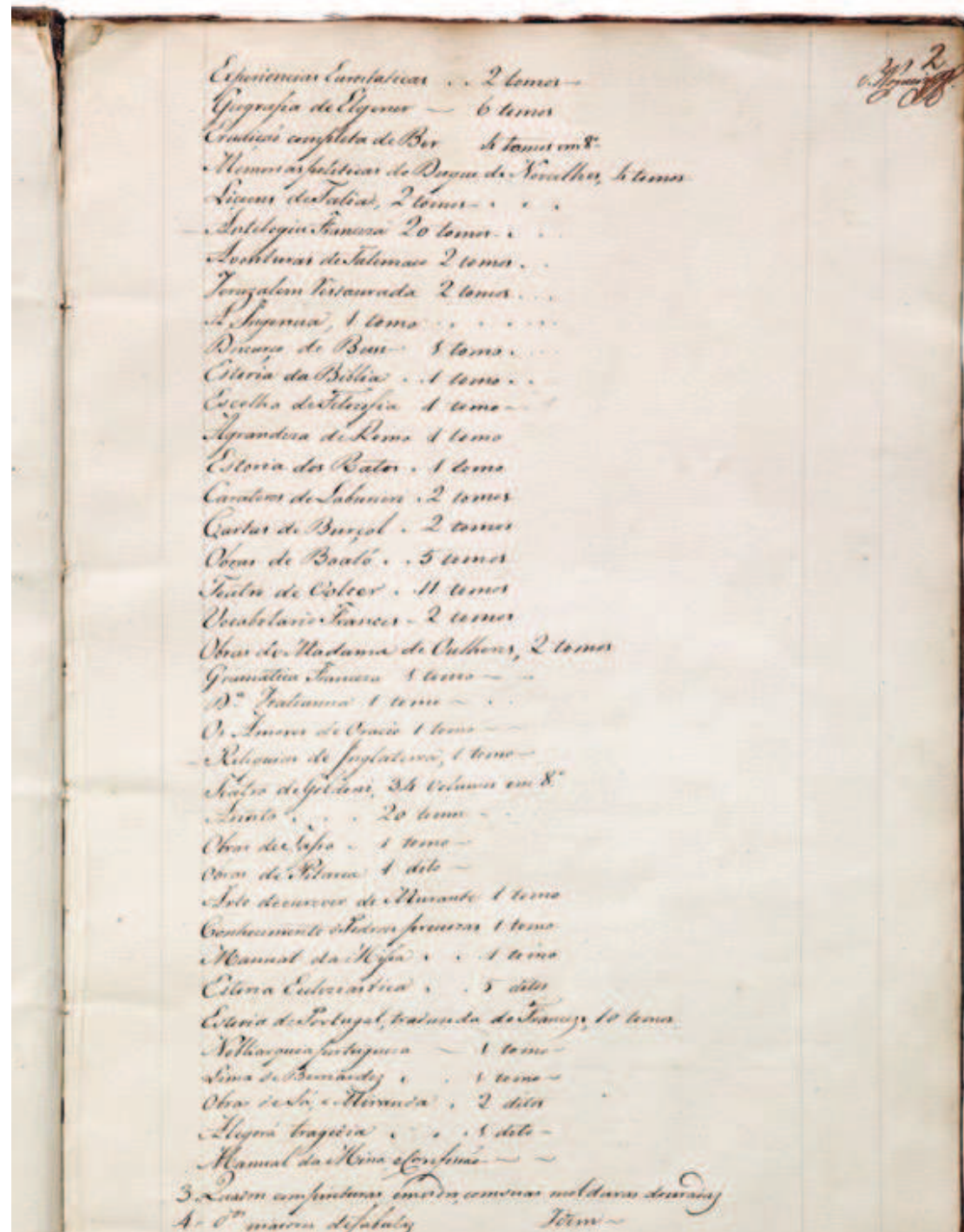
Em 1794, o sequestro revelou que possuía 150 éguas parideiras, 200 cavalos bravos, “cinco cavalos pais, que acompanham as éguas” – o que indica ganhões em idade de procriar.<sup>10</sup> Nos dois anos seguintes, continuou negociando uma quantidade de cavalos, evidência a mais de que o confisco realmente não ocorreu.

Talvez inconfidente?

Amigo e vizinho de Cláudio Manuel da Costa, Queiroga esteve perto de ser preso em 1789, e decerto sabia bem mais do que revelou quando o chamaram a

depor a 13 de julho de 1789, na Devassa aberta pelo governador Barbacena em Vila Rica.<sup>11</sup> Tinha então, segundo declarou, 38 anos, e confirmou o que dele dissera Teotônio Maurício de Miranda Ribeiro, sargento-mor do Primeiro Regimento de Cavalaria Auxiliar de Vila Rica e tesoureiro das despesas miúdas da Fazenda Real.<sup>12</sup> Vinte dias antes, no final de maio, haviam sido presos Tomás Antonio Gonzaga, ouvidor de Vila Rica, e Domingos de Abreu Vieira, velho contratador que havia arrematado os dízimos da capitania antes de Queiroga.

Como tantos outros moradores de Minas, Teotônio Maurício pensou a princípio que o motivo de prenderem



gente tão importante era o contrabando de diamantes. Queiroga, contudo, explicou-lhe o que de fato ocorrera: que Tiradentes viajara para o Rio de Janeiro a fim de semear discursos em defesa da ideia da liberdade do país e de convidar pessoas para aderirem ao movimento. Naqueles primeiros dias que seguiram às prisões, pouca gente sabia direito o que se passava. Queiroga sabia. Depois, correu que a investigação aberta a mando de Barbacena favorecera apaniguados, o caso mais significativo sendo o do contratado João Rodrigues de Macedo, em cuja casa o escrívão da Devassa mineira, José Caetano César Manitti, chegou a residir por algum tempo. Residiu ainda na casa de outro contratado, José Pereira Marques, que arrendara os dízimos no triênio de 1785-1787.<sup>13</sup> Macedo e Pereira Marques deviam muitíssimo à Fazenda Real. Queiroga devia bem menos. Em sua casa Manitti nunca morou, mas, quando partiu para o Rio de Janeiro a 14 de maio de 1791 a fim de servir de escrívão da Alçada, Queiroga o supriu de dinheiros e cavalgadas.<sup>14</sup> Os cavalos de Manuel Teixeira de Queiroga eram portanto mais do que um investimento rentável ou emblema que conferia honra e distinção a um homem de negócios vindo do Reino para tentar a sorte na América.

#### De riquezas e livros

Além das contas e dos cavalos, Queiroga tirava sua abastança de um sítio chamado O Crioulo, no caminho do Rio de Janeiro, e de duas fazendas, o Brejo e a Taboca, tocadas por uma escravaria numerosa, com plantações, cinco carros de bois, alambique para fazer aguardente, caldeiras de cobre, criação variada de animais, incluindo 300 cabeças de gado *vacum*.

Em Vila Rica, tinha uma casa belíssima, numa das esquinas do antigo Largo do Mercado, perto das casas dos poetas Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga. A diversificação do mobiliário destoava do

comum na época: além das camas, mesas, armários e cadeiras de praxe, a casa possuía cômodas e uma grande escrivaninha forrada de pano verde. Que tivesse toalhas bordadas, lençóis de linho e de Bretanha ou quantidade de boa louça não causa espanto, mas chama a atenção o fato de ostentar bandejas de charão, cálices de cristal, 11 quadros com molduras, alguns muito grandes, representando países, e, acima de tudo, “cinco jarras da Índia para conservar flores”. Numa sociedade na qual o hábito de usar garfos era raro e gente abastada comia e bebia em pratos e copos de estanho, as bandejas, os cálices, os quadros emoldurados e os vasos de flores – a maior das superfluidades – representavam, mais do que os cavalos, sinais altamente distintivos de um *status* social diferenciado.

Até aqui, Queiroga poderia ser um arrivista como tantos outros, sempre próximo do poder, hábil na manipulação dos favores, um pouco mais capaz, talvez, de observar com argúcia os pequenos traços de requinte e refinamento que constituíam o montante de capital simbólico imprescindível ao sucesso da ascensão social. Seus livros, contudo, o colocam num patamar diferente, transformando-o numa personagem intrigante. Se sabia contar e somar, comprar e vender, aproveitar cada vantagem oferecida por um mundo em processo de constituição, mantinha os olhos e os ouvidos bem abertos para as novas ideias que iam mudando o Velho Mundo e abrindo as portas de uma nova era.

A maior parte de seus livros não era constituída pelos títulos previsíveis na estante de um arrematador de dízimos enfiado por entre as montanhas de Minas, no coração da América portuguesa.<sup>15</sup> Entre os 43 títulos, que compreendiam 169 tomos, havia dois referentes às atividades mercantis: *O grande dicionário do comércio*, e um *Dicionário do comércio*, que juntos somavam oito tomos. Três outros podiam estar na casa de qualquer cristão: um *Manual da Missa*, um outro, de *Missa e confissão*, e uma



“Um tropeiro de Minas com sua tropa carregada. Em fevereiro de 1817.” Maximiliano de Wied-Neuwied (Neuwied, Alemanha, 1782-1867), aquarela e pena. In: GMBH, Robert Bosch. *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2001.

*Estória da Bíblia*. O *Conhecimento de pedras preciosas* revelava o interesse por informações melhor fundamentadas acerca das gemas, abundantes na região, e também devia ser obra presente em mais de uma *livraria* privada, habilitando o proprietário a reconhecer, na rocha bruta ou na mão dos negociantes de pedras, as que de fato valiam.

As duas *Gramáticas*, uma francesa e outra italiana, bem como um *Vocabulário francês* já começam a sugerir pessoa de maior cultura, conhecedora dessas línguas ou empenhada em aprendê-las bem. A *Arte de escrever*, cujo autor é por enquanto impossível de identificar – o

nome, Murante, está estropiado –, é indício, por sua vez, de que o proprietário prezava a boa escrita. Um tanto de obras, igualmente não identificadas por faltar a autoria ou por ela se achar corrompida pelas anotações do escrívão do sequestro, não oferecem pista digna de ser seguida: assim, as *Lições de Talia*; a *Erudição completa* de Ber; uma *Jerusalém restaurada* que talvez pudesse ser a *Gerusalemme Liberata*, de Torquato Tasso; um *Discurso* de Busi; umas *Cartas* de Burçol; algumas obras sem autoria ou qualquer referência, como as *Estórias dos Ratos*, uma tragédia de nome *Alegorá*, umas *Relíquias de Inglaterra*.

Mais da metade dos títulos, porém, somando 25 obras, revela um espírito ilustrado e com cultura muito acima da média, sobretudo quando se leva em conta que Queiroga não era nem eclesiástico, como o cônego Luís Vieira da Silva, nem advogado, homem de letras ou as duas coisas, como José Pereira Ribeiro e Cláudio Manuel da Costa, todos eles proprietários de outras bibliotecas importantes nas Minas de então.<sup>16</sup> Entre a contabilidade dos dízimos, das dívidas e dos cavalos negociados, o contratador encontrava tempo para lançar os olhos sobre o que havia de melhor na literatura e na filosofia da época, revisitando ainda os clássicos, leitura obrigatória dos homens cultos em todas as épocas. E não ficava indiferente à História, à Geografia, à Física, às antologias de textos.

Da Antiguidade, possuía *Os Amores*, de Ovídio. O Renascimento italiano achava-se presente com Torquato Tasso, Petrarca, Ariosto – tinha 20 tomos do autor de *Orlando Furioso*; na vertente portuguesa, constavam da sua *livraria* as *Obras* de Sá de Miranda, em dois tomos, e o poema “O Lima”, de Diogo Bernardes. O século de Luís XIV parece ter constituído um dos principais interesses de Queiroga: entre seus livros estavam *As aventuras de Telêmaco*, de Fénélon, um dos *best-sellers* do Brasil colonial; *Os caracteres*, de La Bruyère, e cinco tomos da obra crítica de Boileau, autor muito lido pelos poetas árcades de Minas. Havia ainda autores menos conhecidos e mais sofisticados, como Madame Deshoulières, moralista e poeta que havia seguido Gassendi e criticado duramente o grande Boileau, ganhando notoriedade na corte do Rei Sol.

Por fim, entre os livros de Manuel Teixeira de Queiroga contavam-se obras importantes do século XVIII: 11 tomos do *Teatro* de Voltaire, e ainda o seu *O Ingênuo*; a *Grandeza e decadência dos romanos*, de Montesquieu; o *Teatro* de Carlo Goldoni, em 34 volumes; as *Memórias* do Duque de Noailles, marechal de França que foi protagonista das principais

guerras da primeira metade do século e que combateu na célebre batalha de Fontenoy. Sem identificação do autor, um volume sobre *Experiências eurostáticas* e dois volumes sobre viagens completam o acervo sequestrado ao contratador insolvente.

### Perfil singular

Como ressaltam os especialistas no assunto, a mera posse de livros não garante o hábito ou o gosto da leitura. Pode ser que esse notável acervo, não muito grande, mas escolhido, sofisticado e amplo, como era usual entre os homens das Luzes, não tivesse sido comprado pelo contratador. Que pertencesse a um dos poetas incriminados na Inconfidência Mineira – um dos vizinhos, Cláudio e Gonzaga, ou quem sabe aos dois. Que, nos dias anteriores à prisão, quando o medo ia ganhando corpo e a inexorabilidade da tragédia se delineava no horizonte, eles tivessem passado os volumes para o amigo negociante, muito menos visado.

A hipótese teria peso caso se tratasse de livros perigosos ou proibidos. Não o eram, contudo. Os livros de Queiroga combinavam com suas jarras de flores, suas taças de cristal, seus quadros emoldurados – por que a alusão aos países? Seriam mapas? Seriam paisagens? Combinavam com os cavalos que criava às centenas, metade por amor ao lucro, metade por apreço à honra.

Manuel Teixeira de Queiroga tinha o espírito largo e enciclopédico próprio aos homens ilustrados do século XVIII e, como alguns deles – para lembrar apenas de um, o químico Lavoisier –, procurava aproveitar ao máximo, na qualidade de contratador de impostos, as vantagens que as monarquias ainda ofereciam no ocaso do Antigo Regime. Andou muito perto da sedição e, se foi inconfidente, talvez não seja possível provar jamais. Outros vestígios de sua vida e personalidade, entretanto – como as dezenas de recibos de venda de cavalos

existentes no Arquivo Público Mineiro –, ainda podem ser mais bem evidenciados, ajudando a entender melhor como, nas últimas décadas do período colonial, se ia constituindo uma elite peculiar, afeita aos valores do cosmopolitismo internacional e, ao mesmo tempo, atenta às necessidades da região que escolhera para viver e, de certa forma, controlar.

---

**RESUMO** | Este texto tem por objetivo chamar a atenção para uma personagem pouco conhecida e que, apesar disso, ilustra, com sua vida e trajetória, aspectos importantes do final do século XVIII luso-brasileiro. Trata-se de Manuel Teixeira de Queiroga, nascido em Lisboa por volta de 1750 e, em data incerta, vindo, como tantos reinóis, para as Minas Gerais em busca de boas oportunidades de enriquecimento. Queiroga foi contratador de dízimos e amigo de gente importante da capitania, como o poeta e inconfidente Cláudio Manuel da Costa, seu advogado e vizinho. Um documento inédito, encontrado no Arquivo Público Mineiro, revela que teve estilo de vida opulento e requintado e fornece a lista de uma biblioteca até agora desconhecida dos estudiosos do assunto, a exigir análise mais cuidadosa.

**ABSTRACT** | This text has in its sights to call attention to a little known personage and, beyond this, to illustrate with his life and trajectory important aspects of the end of the luso-brazilian eighteenth century. It looks at Manuel Teixeira de Queiroga, born in Lisbon around 1750 and, at an uncertain date, coming to Minas Gerais in search of good opportunities for enrichment, as did other royal subjects. Queiroga was a crown contractor of works linked to the “tenth part” royal taxes and a friend of important persons of the captaincy, such as the poet of the “Inconfidência” movement, Cláudio Manuel da Costa, his lawyer and neighbour. An unpublished document found in the Public Archive of Minas Gerais, reveals that he had an opulent and elegant lifestyle, and supplies a library list as yet unknown in this area, which demands careful analysis. [Versão para o inglês de Peter Hargreaves.]

### Notas |

1. Arquivo Público Mineiro (doravante APM). Casa dos Contos, 1497 – 13/11/1794. Contrato (1787-1789) de Manuel Teixeira Queiroga – sequestro de inventário e seus bens. Depositário: José Veloso do Carmo.
2. APM. Casa dos Contos, 1458. CARRARA, Ângelo Alves. *Receitas e despesas da Real Fazenda no Brasil século XVII*: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. p. 194.
3. APM. Casa dos Contos, cx. 52, doc. 30.399.
4. APM. Casa dos Contos, cx. 52, doc. 30.399.
5. John Jay, um dos *founding fathers*, coautor, junto com Alexander Hamilton e James Madison, de *O federalista* (1788), obra cujo objetivo era ratificar o texto da então recente Constituição norte-americana.
6. MAXWELL, Kenneth. *Conflicts and conspiracies: Brazil and Portugal – 1750-1808*, Cambridge: Cambridge University Press, 1973. p. 80-81.
7. MADEIRA, Mauro de Albuquerque. *Letrados e fidalgos contratadores de tributos no Brasil colonial*. Brasília: Coopermídia, Unafisco/Sindifisco. 1993, p. 158.

8. Conforme formulação do historiador Charles Ralph Boxer, que se tornou célebre, todo “homem bom” do Império Português ou tinha assento no Senado da Câmara, ou pertencia à Santa Casa de Misericórdia.

9. OLIVEIRA, Tarquínio J.B. de. *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 1977. v. 9, p. 316, nota 3. (Doravante ADIM.)

10. APM. Casa dos Contos, 1497 – 13/11/1794. Contrato (1787-1789) de Manuel Teixeira Queiroga – sequestro de inventário e seus bens. Depositário: José Veloso do Carmo.

11. ADIM, v. 1, p. 221-222.

12. ADIM, v. 1, p. 217-218.

13. CARRARA. *Receitas e despesas da Real Fazenda no Brasil século XVII*, p. 195.

14. Representação (anônima) à Coroa (Desembargo do Paço, Lisboa) contra o ex-Intendente do Ouro José Caetano César Manitti. ADIM, v. 9, p. 314-316.

15. Todos os livros em APM. Casa dos Contos, 1497 – 13/11/1794. Contrato (1787-1789) de Manuel Teixeira Queiroga – sequestro de inventário e seus bens. Depositário: José Veloso do Carmo.

16. FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do Cônego*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1957. p. 9-82. ANTUNES, Álvaro de Araújo. *Fiat Justitia: os advogados e a prática da justiça em Minas Gerais. 1750-1808*. Tese (Doutorado em História Cultural) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005; ANTUNES, Álvaro de Araújo. *Espelho de cem faces: o universo relacional de um advogado setecentista*. São Paulo: Annablume, 2004. SOUZA, Laura de Mello e. *Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Perfis Brasileiros.)

**Laura de Mello e Souza** é professora titular do Departamento de História da Universidade de São Paulo. Pesquisa a história de Minas Gerais desde 1977 e publicou, entre outros, os livros *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII* (1982), *Norma e conflito: aspectos da história de Minas no século XVIII* (1999) e *Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido* (2011).